

NOTICIÁRIO

TORTUGA

ANO 31 - Nº 340 - JANEIRO/FEVEREIRO - 1985

PALESTRA

“Não interessa uma mistura mineral barata”

Reproduzimos abaixo o pensamento de Glauco Olinger, presidente da Empresa Brasileira de Extensão Rural (Embrater), vinculada ao Ministério da Agricultura, sobre a suplementação mineral dos bovinos, exposto durante palestra e debates no I Simpósio sobre Nutrição mineral, realizado em São Paulo.

“Temos hoje no país um rebanho de 100 milhões de bovinos, com fertilidade média em torno de 50%, desfrute de 10 a 12%, idade de abate acima de quatro anos, estado sanitário imperfeito e alimentação deficiente. Nossos solos são pobres em fósforo e as pastagens, conseqüentemente, são também pobres em fósforo. Cerca de 80% das análises dos pastos revelam a presença de menos de 0,15% de fósforo, ou seja, menos de 1,5 g/kg/matéria seca.

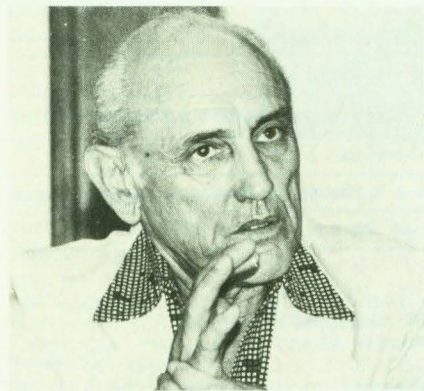
Um boi come, em média, 7 a 8 kg de matéria seca de pasto; então, são 10 a 12 g de fósforo por dia que ele está comendo, enquanto que suas necessidades diárias são no mínimo de 15 a 16 g. Logo, precisamos administrar no mínimo 4 g de fósforo a mais por dia. Uma vaca comum precisa ingerir diariamente de 20 a 22 g de fósforo e, uma de boa produção, 30 g ou mais. Há, portanto, uma grande deficiência neste elemento, que é o mais carente ao longo de todo o país.

Outro ponto importante é o sal comum, comumente usado na pecuária brasileira e que, quando usado sozinho, não atende as necessidades dos animais. Os fazendeiros costumam diluir o concentrado mineral com excesso de sal comum e esse comportamento anula quase que totalmente o valor da mistura mineral. O sal comum em demasia limita o consumo

da mistura e o animal não come o suficiente de outros minerais.

De uma maneira geral não se deve ter mais de 50% de sal comum numa boa mistura mineral que, para ser eficiente, precisa ter mais de 60 a 70 g de fósforo por quilo. Misturas mal feitas provocam descrédito para a mineralização. É preciso que haja brilho no pêlo dos animais, nos olhos, peso na balança e o retorno do lucro, o custo-benefício positivo. Não interessa uma mistura mineral barata, como muitos procuram fazer e, sim, a resposta em termos de resultados econômicos.

Pesquisas e estudos estão sendo



Glauco Olinger,
presidente da Embrater.

feitos de norte a sul do país, principalmente na área privada, em que se destaca a Tortuga. A fonte mais fidedigna que se pode desejar e onde realmente se avalia o resultado da pesquisa é o fazendeiro.

Li todas as declarações do Livro de Ouro (lançado pela Tortuga) que está exposto aqui neste simpósio e, nessa obra, estão as declarações de grandes fazendeiros brasileiros, de homens esclarecidos, de pecuaristas bem sucedidos, e que não deixam nenhuma dúvida sobre as vantagens do uso da suplementação mineral sobre as práticas que eles vinham utilizando anteriormente.

Os trabalhos investigativos também apontam que misturas bem preparadas diminuem a incidência da cara inchada de 12 para 4% e, em seguida para 0%, e que o índice de fecundação das vacas afetadas pela cara inchada ou magreza, subiu de 45 para 85 e 90%, em cinco anos.

A suplementação mineral deve possuir por quilo de mistura um mínimo de fósforo, o elemento mais importante na composição de um sal mineralizado. A mistura correta depende da eficácia e da honestidade dos pesquisadores e industriais. Nunca será pouca a fiscalização permanente das misturas comercializadas por parte dos órgãos autorizados pelo Ministério da Agricultura. ”

Suplementação mineral dos bovinos

Quando iniciamos, de 1968 a 1973, a formação de pastagens e exploração pecuária, apresentou-se a região do Vale do Guaporé, no Estado de Mato Grosso, excepcional para a atividade, com rebanho limpo e completamente livre de enfermidades comuns ao centro-sul do Brasil. Chegamos a supor que tal situação fosse perdurar, porém, a partir de 1973, começaram a surgir em fazendas próximas a nossa, casos de cara inchada. Preventivamente, ministramos sal mineral para o gado, utilizando produtos disponíveis no mercado. Entretanto, como o problema era novo, inclusive para os fabricantes, a cara inchada atingiu parte do nosso rebanho, apesar dos cuidados que tomamos. Especialistas consultados recomendaram o uso de uma fórmula especial de sal mineral. Os resultados foram bons, mas continuava a incidência da cara inchada, sempre em maiores índices, no rebanho. Pecuáristas experientes nos aconselharam a usar sais minerais, ditos curadores de cara inchada, que também foram testados. A desilusão foi grande,

pois além de não apresentarem nenhum resultado positivo, até pioraram o estado sanitário do gado. Ainda não havia surgido o Fosbovi-sal 20. Intensificamos ainda mais as pesquisas e solicitamos a colaboração do Instituto Biológico e de professores da Universidade Federal de Minas Gerais. Passamos então a comprar uma mistura especial elaborada pela Tortuga, já acrescido do sal comum e pronta para uso, à qual adicionamos vários palatabilizantes e aromatizantes, como a torta

de algodão e melaço, mas mesmo assim o gado não lambia as quantidades mínimas necessárias para o seu bom estado físico. Mais uma vez recorremos à Tortuga, que além de acompanhar nossos trabalhos, também desenvolvia pesquisa sobre cara inchada no seu Campo Experimental de Rondonópolis. Finalmente, a Tortuga chegou ao Fosbovi-sal 20, que banuiu a cara inchada no rebanho de nossa propriedade".



José Antonio Lorenzetti
Agropecuária Vale do Guaporé
Vila Bela da S. Trindade, MT

★ Terceira edição do Livro de Ouro

No decorrer de 1985 a Tortuga deverá lançar a terceira edição do Livro de Ouro, contendo aproximadamente 25 depoimentos de criadores de várias regiões brasileiras, que um dia enfrentaram problemas de ordem carencial no seu rebanho. Nas duas primeiras edições, o Livro de Ouro reuniu 42 depoimentos.



GRUPO TORTUGA

Tortuga Companhia Zootécnica Agrária

Fabiani S.A. Indústria e Comércio

Fosbase S.A. Indústria Nacional de Insumos Agropecuários

Sintelabor Indústria e Comércio Ltda.

Cipagro S.A. Comércio e Indústria de Produtos Agropecuários

Tortuga Administração de Bens e Serviços S/C Ltda.

Administração central: Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1409, 13º e 14º andar, Cep. 01451, telefone 814-6122, telex (011) 22270 (TCZA), São Paulo, SP. **Unidades industriais:** Rua Centro Africana, 219, Cep 04730, telefone 247-3777, São Paulo, SP - Avenida Alberto Cocozza, s/nº., Mairinque, SP. **Filial Estado de Goiás:** Avenida Castelo Branco, 7480, setor Coimbra, Cep 74000, telefones (062) 233-0488, 233-0802, telex (0622) 381 (TCZA), Goiânia. **Filial Estado do Rio Grande do Sul:** Avenida Farrapos, 2955, 1º andar, Cep. 90000, telefone (0512) 43-2600, telex (051) 2452 (TCZA), Porto Alegre. **Filial Estado de Mato Grosso:** Rua 57, nº 90-A, Cep 78000, telefone (065) 361-4771, telex (065)2374 (SVGRBR), Cuiabá. **Escritório Estado de Minas Gerais:** Avenida Amazonas, 298 - 18º andar, Cep 30.000, telefones (031) 212-1407, 212-1077, telex (031) 1519 (TCZA), Belo Horizonte. **Escritório Estado Rio de Janeiro:** Avenida 13 de Maio, 41, 18º andar, Cep 20000, telefones (021) 220-0787, 220-0287, telex (021) 31052 (TCZA), Rio de Janeiro. **Escritório Estado do Mato Grosso do Sul:** Rua 26 de Agosto, 384, Cep 79100, telefone (067) 383-6425, Campo Grande. **Escritório Estado da Bahia:** Rua Portugal, 3, Cep 40000, telefones (071) 242-0899, 242-5139, telex (071) 1995 (TCZA), Salvador.

NOTICIÁRIO

TORTUGA

Editor

João Castanho Dias
MTPS 8518

Revisão

Celso Teixeira Freire
Claudio Souza

Arte

Walter Simões
Wilson Camargo Filho

Fotografia

Francisca Suriano Silva

Tiragem

60 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima
1390 - 9º andar
Cep. 01452 - São Paulo
Fone: 814-6122

Impressão

Artes Gráficas Guaru S.A.

Previsões não se confirmam



Contrariando previsões feitas no final do ano passado, a arroba da carne bovina estacionou nos Cr\$ 55 mil, o mesmo preço que esteve cotada em outubro último. Como dado comparativo, há um ano ela era comercializada por volta de Cr\$ 21 mil. Os negócios estão calmos e não há perspectivas, a curto prazo, de aceleração dos preços.

Redução do volume das exportações e a não formação pelo Governo de estoques reguladores, estão entre os motivos que determinam o mercado fraco para o boi. A queda do consumo é também outro, pois que nos últimos cinco anos o brasileiro comeu 60% a menos de carne bovina. Em 1979 cada habitante consumia 20 kg/ano e, em 1984, 13 quilos.

Caso não ocorra inversão do quadro, a tendência dos pecuaristas é a de antecipar os abates, até mesmo o de matrizes, o que provocará escassez no futuro. Os consumidores não se beneficiam dos preços baixos e no mercado varejista a carne continua subindo.

Uma política que deu certo



Colocada em prática pelo governo no decorrer de 1984, a política da revisão trimestral dos preços do leite Especial, se não contemplou a classe com reajustes compatíveis com os custos de produção, pelo menos infundiu tranquilidade para trabalhar. Assim, previsões de caixa puderam ser programadas com antecedência.

As majorações no ano passado foram concedidas nos meses de março, junho, setembro e dezembro e os produtores esperam sedimentar essa conquista junto ao novo Governo que se instala no país. Essa política também beneficiou o consumidor, pois que em 1984 não houve crise no abastecimento.

Desde 27 de dezembro último os produtores de leite Especial estão sendo remunerados com Cr\$ 520,00 por litro produzido, enquanto que os de leite tipo B com Cr\$ 785,00. Estes, no ano que passou, tiveram aumentos acumulados de 271%, enquanto que a inflação no mesmo período atingiu o patamar de 223%, mas, em contrapartida, enfrentaram problemas de colocação do seu produto.

Reflexo da redução do abate

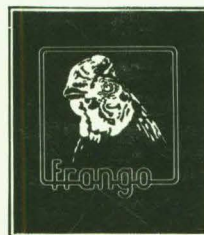


Até o começo de fevereiro os suínocultores, de maneira geral, estavam satisfeitos com a remuneração oferecida pelo mercado, em torno de Cr\$ 67 mil e até Cr\$ 70 mil a arroba, posto frigorífico. O preço da saca de milho variava entre Cr\$ 30/35 mil. Nas festas de fim de ano o porco esteve cotado a Cr\$ 50 mil (e o milho a Cr\$ 25 mil) e o aumento refletiu a reduzida oferta de animal pronto para abate.

Fenômeno tipicamente brasileiro, mais uma vez a carne suína está com preço maior do que a bovina. Analisando a situação, um dono de frigorífico de São Paulo disse que atualmente "está difícil de comprar porco nas granjas e também está difícil de vendê-lo no mercado consumidor".

Neste momento estamos a meio caminho da próxima safra de milho, que deverá entrar na comercialização em março/abril, quando o normal é janeiro/fevereiro. Espera-se que ela seja igual ou inferior à do ano passado. O mercado de reprodutores está calmo e são reduzidos novos investimentos na área.

O concorrido mercado externo



A demanda da carne de frango durante as festas de fim de ano foi acima do esperado, pondo fim aos estoques formados e provocando aumento nas cotações, mas apenas o suficiente para repor o custo das rações. Em dezembro de 84 estiveram por volta de Cr\$ 1.450,00 /kg para frango de corte, enquanto que em janeiro elevaram-se para Cr\$ 1.750,00.

Para os primeiros meses de 85 espera-se novos aumentos em virtude da redução da oferta, consequência da menor produção de pintos de um dia ocorrida em dezembro. Na área existe apreensão quanto ao milho importado, que deverá ser repassado aos avicultores por preço não inferior a Cr\$ 32 mil a saca de 60 kg.

No ano passado o Brasil produziu cerca de 1,4 milhão de toneladas de carne de frango, das quais 260 mil foram para o exterior. Exportou menos que 83, mas as receitas cambiais foram maiores. O mercado mundial está bastante concorrido, pois outros países (França e Hungria) aumentaram a produção, enquanto nações árabes estão reduzindo as compras.

Artigo escrito
por Fabiano Fabiani,
presidente
do Grupo Tortuga.

Um grave perigo ameaça a pecuária nacional

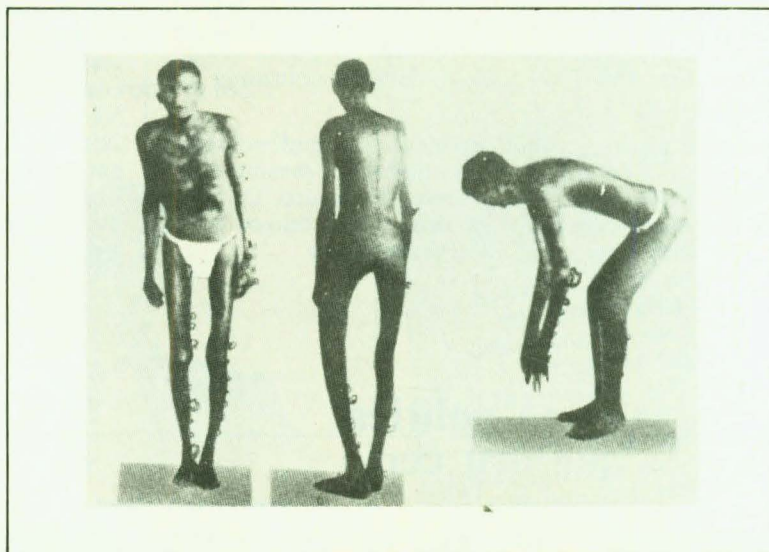
Empresas estão vendendo produtos altamente tóxicos como se fossem alimentos de qualidade

Os homens da foto ao lado ingeriram excesso de flúor e ficaram totalmente debilitados. Os rebanhos brasileiros também correm os mesmos riscos se não forem protegidos pela fiscalização do Governo. Os pecuaristas precisam ficar atentos. Nos últimos meses o fosfato de rocha passou a ser empregado na preparação de misturas minerais por firmas que visam lucros elevados e imediatos, pouco se importando com as desgraças futuras que atingirão os rebanhos.

Valendo-se de pesquisas não conclusivas que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) está realizando sobre o fosfato de rocha, e que por isso mesmo não aconselha seu uso, alguns fabricantes de suplementos minerais estão usando nas suas formulações fosfato tricálcico de rocha como se fosse fosfato bicálcico desfluorizado.

Justamente por esse motivo, declaramos numa entrevista concedida ao Suplemento Agrícola do jornal O Estado de S. Paulo, que era necessária severa ação por parte do Ministério da Agricultura para coibir esses abusos. A matéria foi publicada na edição do dia 19 de dezembro de 1984 sob o título "Estão vendendo alimentos que matam o boi".

Aliás, o próprio Secretário de Fiscalização Agrícola e Pecuária, do Ministério da Agricultura, abordou esse assunto durante o I Simpósio sobre Nutrição Mineral, realizado em São Paulo. Respondendo pergunta sobre o comportamento da instituição que dirige em relação a formulações contendo fosfato de rocha, textualmente disse que "enquanto não tivermos a certeza, por indicações de pesquisas bem conduzidas, no caso pela Embrapa, não registraremos nenhum fosfato com índices altos de flúor, como esses que proliferam no mercado; a legislação não permite e



Deformação humana pelo flúor

A fluorose resulta de excessos crônicos de flúor. Em algumas partes da Índia a fluorose endêmica ocasiona um estado conhecido como "poker back", no qual os ossos da coluna vertebral se calcificam, impedindo a inclinação. As costelas também se calcificam, tornando impossível a respiração normal e obrigando o paciente a efetuar a respiração abdominal. (Shortt e col.)

nós não o faremos enquanto não tivermos apoio científico adequado".

Para vender produtos com fosfato de rocha, chega-se até a fazer declarações na imprensa, conforme matéria publicada no mesmo Suplemento Agrícola de O Estado de S. Paulo. Nela um entrevistado afirmou que o

flúor do Brasil não é igual ao dos Estados Unidos (sic) e que os dados do National Research Council, o mundialmente renomado NRC, não têm valor.

O flúor em dosagem relativamente alta é tóxico para os homens e animais, acumulando-se nos ossos e pro-

vocando deformações irreversíveis. A rocha fosfática contém flúor em índices tais que se tornam perigosamente tóxicos.

Quando um rebanho mostra doença por excesso de flúor, estará irremediavelmente perdido, pois ocorre calcificação das articulações, perda dos dentes, queda na produção leiteira, esterilidade e desenvolvimento prejudicado. Não fosse apenas isso, bezerros filhos de mães submetidas a dietas alimentares contendo flúor em excesso, nascem com a dentição danificada, impedindo a correta mastigação.

A legislação mundial permite, nos

minerais destinados a suplementação animal, o máximo de 1% de flúor sobre o fósforo. Assim, o fosfato de Tapira, com 36% de P₂O₅, ou seja, 15,72% de fósforo, poderá conter no máximo 0,157% de flúor, quando contém verdadeiramente 1,70%. Isso quer dizer dez vezes mais do máximo permitido no fosfato alimentar. O fosfato de rocha é tricálcico, pouco assimilável, não cobrindo as necessidades dos bovinos pelo seu baixo valor biológico, provocando problemas carenciais graves.

Sobre este mesmo tema, o vice-presi-

dente da Petrofértil – Petrobrás Fertilizantes S.A., Adalberto Telles, no exercício da Presidência, em correspondência dirigida ao Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais, fez algumas observações. Entre elas, informou que o artigo publicado na Revista Agricultura de Hoje, número 37, escrito por técnico da Petrofértil, “**não preconiza a utilização de rochas fosfáticas sem o aval da ciência, o que se coaduna com a responsabilidade e critério orientador de nossas atividades**”.

DOCUMENTO

Autoridade mundial em nutrição alerta o Brasil

Em carta datada do dia 29 de junho de 1984, expedida de Turim, Itália, e dirigida aos órgãos de Governo do Brasil e às empresas que operam no setor de nutrição animal, o professor Silvano Maletto faz graves advertências sobre o perigo do uso do flúor na alimentação. Abaixo alguns trechos da mesma.

Nos dias 9 e 11 de maio de 1984 tive a possibilidade de participar do I Simpósio sobre Nutrição Mineral, realizado em São Paulo. Naquela ocasião ouvi várias vezes levantarem-se vozes a favor da minimização do risco inerente à presença do flúor nas rações para animais.

Este comportamento, invocando à sua defesa supostas experiências americanas, que nunca chegaram ao conhecimento de órgãos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde e os Comitês Científicos para Alimentação Humana e Animal, da CEE, é para mim motivos de sérias preocupações.

Na qualidade de membro de muitas organizações e comitês e em sinal da profunda amizade pelo Brasil, sinto o dever de ressaltar o risco que dita opinião pode acarretar para a economia e o estado sanitário do país. Num momento assim tão



O professor Silvano Maletto é presidente do “Scientific Committee for Animal Nutrition”, sede em Bruxelas, ligado a “Comission of the European Communities”.

importante, em que o Brasil pretende enfrentar com coragem e esforços o tema da mineralização dos animais, esta tendência pode tornar vão qualquer empreendimento, transformando em desastre a ação promovida. Chamo para tanto a atenção dos órgãos nacionais para a necessidade de regulamentar os níveis de flúor contidos nos alimentos e, em particular, para os níveis máximos aceitáveis nos minerais naturais produzidos por desfluorização. Grande parte dos países do mundo dispõem de legislações claras a esse respeito. Leis e regulamentos foram formulados com base em conhecimentos científicos rigorosos.

Por estes motivos, apelo para os responsáveis da programação pelo desenvolvimento zootécnico, bem como para os produtores de minerais destinados à integração de rações para animais, convidando-os a adotarem um critério científico rigoroso, evitando o perigo

de tornarem-se alquimistas da mineralização.

Somente esta escolha poderá afastar o risco de que uma forma de pseudo economia de hoje possa transformar-se num desastre econômico para amanhã”.

Silvano Maletto



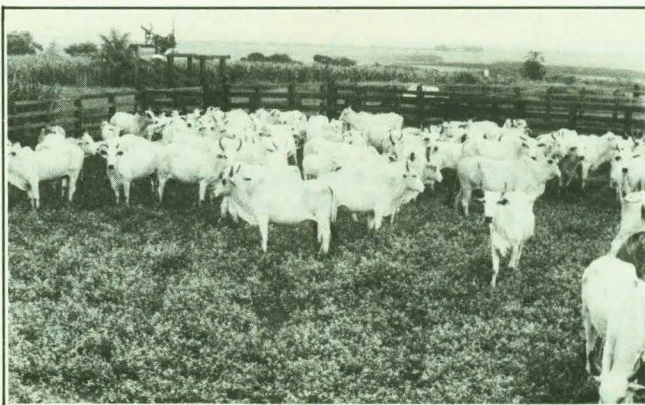
Esta fazenda disse adeus aos bernes

Depois de ter convivido com o problema dos bernes, hoje a Fazenda Rocinha, Mocóca, SP, conseguiu controlá-los. A correta suplementação mineral também influíu na bela aparência do seu rebanho.

Localizada no município paulista de Mocóca, a Fazenda Rocinha, de Felismino Figueiredo Barreto, dedica-se à pecuária de corte, criando e recriando o gado Nelore. São quase quinhentas cabeças de própria seleção, com base em sangue importado, destacando-se 170 fêmeas com grande índice de fertilidade ("não existe vacas atrasadas") e que desconhecem o que é o aborto.

Grande defensora da fauna e flora silvestre, a Fazenda Rocinha, com quase 1.000 ha, tem uma reserva de mata natural onde vivem capivaras, pacas, cotias, veados, lobos, tucanos, perdizes, codornas e outra infinidade de animais. Nos seus açudes são criados traíras, tilápias, lambaris e a caça e pesca são severamente proibidas.

Administrada por Joaquim Pereira Neto e tendo como campeiros Edivaldo Rodrigues da Silva e José Pereira, a Fazenda Rocinha desenvolve um amplo e sério programa de defesa sanitária do seu plantel, constituindo-se como norma obrigatória vacinações regulares contra as principais doenças, como brucelose, manqueira, carbúnculo, paratifo e, logicamente, a febre aftosa. Os vermes são controlados com o uso em todo o rebanho, a cada três meses, de Albendathor, Tetramisol e Citec 30 (produtos Tortuga), intercalando-se apli-



Tratamento correto resolveu a situação

cações orais e injetáveis.

Até tempos atrás um dos graves problemas da Fazenda Rocinha eram os bernes. Quem narra a história é o campeiro Edivaldo: "O representante da Tortuga esteve na propriedade e apresentou um programa para combatê-los com o bericida Tira-Berne. Antes disso, nenhum outro produto apresentou respostas positivas. Inicialmente Tira-Berne não deu resultado, pois fizemos uso errado, misturando-o com óleo queimado. Depois disso, o vendedor veio novamente e ensinou a maneira correta do tratamento e a situação ficou resolvida".

Segundo Edivaldo, "antes o gado estava sempre com caroços no corpo, tumores, pêlo arrepiado e muito feio; o uso regular de Tira-Berne foi melhorando sua aparência e hoje você vê os animais com pelo liso e bonito. Não houve reações colaterais e nenhuma intoxicação, enquanto que no passado perdemos cabe-

ças com outros produtos".

Mais adiante o campeiro observa que "antes tínhamos que curar o gado duas a três vezes por mês e agora o espaço de tratamento aumentou. Demora para aparecer berne de novo, o gado rende mais e não precisamos ficar ajuntando sempre ele. Tira-Berne realmente tira o berne, que não fica dentro do couro, e a última vez que usamos o produto foi há uns seis meses. Não lambuza e o manejo é rápido".



O gado está nas boas mãos de Edivaldo, José e Joaquim.

A Fazenda Rocinha não descuidava também da mineralização do seu apurado plantel Nelore. Está usando Fosbovi sal 20 há um ano e, desde então, a mortalidade caiu muito e diminuiu o uso de muito remédio, principalmente antibióticos. As vacas estão parindo mais cedo e os bezerros nascem fortes, sadios, ossudos e corulentos, não sentindo a desmama. Os abortos frequentes foram eliminados.

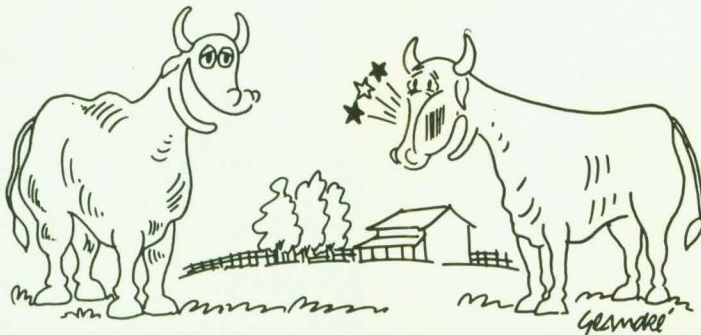
Anteriormente a adoção do Fosbovi sal 20 "tínhamos que pôr muito bezerro em pé à mão" e a propriedade vendia gado de dois anos com 6 a 7 arrobas e, hoje, nessa mesma idade são comercializados com 13 arrobas, totalmente limpos de bernes. Na época da semeadura e brota das pastagens ocorria problemas de diarreia, que agora sumiu de vez com a administração do sal, e até mesmo seu uso em cavalos e cabritos deu boa melhora".

PASSATEMPO

RUMOR

JÁ SEI! CHEGUEI ATRASADO EM CASA E APANHOU DA MULHER, POR ISSO ESTÁ COM A CARA INCHADA!

ANTES FOSSE. É FALTA MESMO DE SAIS MINERAIS!



TESTE

1 - MARINGÁ

A - Ave da família dos psitacídeos. B - Gado vacum cujo pêlo é claro, salpicado de negro. C - Espécie de mandioca. D - Papa grossa de farinha de mandioca escaldada.

2 - MATÃO

A - Variedade de arroz. B - Ferida no couro das cavalgaduras, produzido pelo roçar dos arreios. C - Aparelho para limpar o grão de trigo. D - Aquele que corta lenha nas matas.

3 - POEJO

A - Ramo de árvore; rebento; estaca. B - Planta medicinal da família das labiadas. C - Leite coalhado. D - Óleo de gergelim.

4 - TRELHO

A - Sumo de uvas, antes de acabar a fermentação. B - Boi ainda novo. C - Instrumento com que se bate a manteiga. D - Espiga de milho sem grãos.

5 - RUÃO

A - Sarna de ovinos e equinos. B - Parte do casco dos animais entre a tapa e a palma. C - Diz-se do cavalo branco com manchas escuras. D - Voz que os carreiros dirigem aos bois para governá-los.

6 - TRONCO

A - Cepo sobre o qual se corta a carne. B - Grande curral de gado. C - Recipiente de madeira onde se dá de comer aos animais. D - Corredor que se comunica com a porteira do curral e onde se prendem os animais, que vão ser castrados, vacinados, etc.

1 - B, 2 - A, 3 - B, 4 - C, 5 - C, 6 - D.

CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1								■			
2					■						
3						■					
4		■			■					■	
5			■				■		■		
6						■					
7							■				
8				■							

HORIZONTAIS

1 - Manada de burros - Membrodas aves guarnecido de penas. 2 - Que contém ovos - Bolo de milho, de fubá, de arroz. 3 - Invólucro do feijão verde; fruto das leguminosas - Aparelho de coro, que se aplica no focinho dos animais para não comerem; focinheira, açaimo. 4 - Anno Domini (abrev.) Lucro, proveito. 5 - Sigla de um estado, grande produtor de arroz - verme que aparece nas feridas dos animais - Igreja episcopal. 6 - Praça de taba - Cidade do Estado de S. Paulo. 7 - Ligação; conexão; laço - ligar juntar; reunir. 8 - Sofrimento físico ou moral - Grande árvore da família das anacardiáceas, de lenho muito duro.

VERTICAIS

1 - Suplemento mineral vitamínico para bovinos de leite, fabricado pela Tortuga. 2 - Fruto da videira - Lazer; vagar, repouso. 3 - Ato ou efeito de regar; regadura - Agricultura (abrev.). 4 - Ato ou efeito de roer. 5 - Os ramos ou a folhagem das plantas. 6 - Contração da preposição De com o Artigo A - Parte mais larga e carnuda da perna das reses - Símbolo do Érbio. 7 - Por aba em. 8 - Matadouro, lugar onde se vende carne. 9 - Terra lavrada própria para agricultura - Elemento de composição com o sentido de um, único. 10 - Preposição que indica falta, ausência, exclusão - Passar de dentro para fora; afastar-se; partir. 11 - Árvore da família das moráceas e que nutre o bicho-da-seda.

RESPOSTAS

HORIZONTAIS - 1 - Burrada - asa. 2 - Oveo - abarém. - 3 - Vagem - aga. mo. 4 - A.D. - prol. 5 - Go - ura - Sê. 6 - Ocara - Agual. 7 - Lígame - unir. 8 - Dor - a roeira. VERTICAIS - 1 - Bo. 2 - Uva - ócio. 3 - Rega - agr. 4 - Roedura. 5 - Rama. 6 - Da - pa - er. 7 - Abar. 8 - Açougue. 9 - Atral - uni. 10 - Sem - sair. 11 - Amoreira.

Para que a criação funcione como um relógio

Artigo escrito por Laurindo Affonso Hackenhaar

Quando falamos em suinocultura, quase sempre voltamos à mesma tecla, ou seja, a alimentação e sanidade. A alimentação tem sua importância fundamentada no fato de representar de 75 a 80% do custo de produção e ditar praticamente os níveis de desempenho de uma criação.

No balanceamento de uma ração entram os minerais, as vitaminas e os promotores de crescimento, numa proporção em torno de 3%. É uma parcela pequena, mas seu valor poderia ser comparado às pequenas e até minúsculas peças de um relógio. São tão importantes quanto as grandes para que tudo funcione bem.

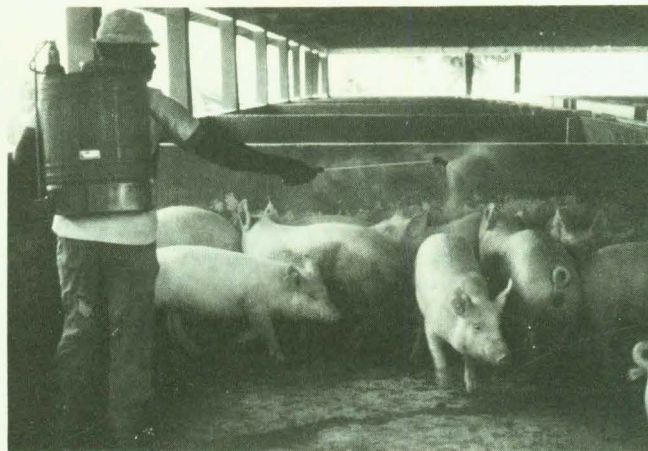
Mas não podemos esquecer que uma ração somente estará corretamente balanceada quando os demais nutrientes também desempenharem seu papel. Assim, os alimentos energéticos, geralmente representados pelo milho, sorgo e mandioca, participando em torno de 75% da ração, têm relevante importância por causa de sua significativa presença. Outros nutrientes de peso são representados por alimentos protéicos no balanceamento das rações e sua participação situa-se ao redor de 20%.

Para assegurar a alta qualidade de nossos programas de nutrição elegemos o farelo de soja para cumprir esta soberba função na formulação das rações. Eventualmente podemos nos valer também da boa farinha de

carne, desde que exista relação favorável de preço quanto ao do farelo de soja.

Lembramos sempre que estamos atentos para fornecer fórmulas com outros alimentos energéticos e protéicos disponíveis em determinadas regiões e a custos compensadores, como mandioca, caldo de cana, farelo de arroz, quíquera de arroz, conforme assinalamos em artigo anteriormente publicado no Noticiário Tortuga. Nessa relação também pode ser incluída a soja tostada.

A natureza nos fornece gratuitamente outro alimento de fundamental importância, a água. Talvez por este fato, e quem sabe, por ser fornecida a um animal que às vezes é chamado e tratado como



Higiene e desinfecção dos animais é muito importante

Laurindo Affonso Hackenhaar



Engenheiro agrônomo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Laurindo Affonso Hackenhaar é Gerente Técnico do Departamento de Suinocultura da Tortuga.

porço, não merece o devido cuidado. Não podemos esquecer que um programa de alimentação pode ser comprometido pela má qualidade desse precioso líquido. É preciso que a água seja abundante e limpa até o bebedouro.

Para que uma criação de suínos tenha bom desempenho não é suficiente fornecer apenas uma ração bem balanceada com milho, farelo de soja, minerais, vitaminas e promotores do crescimento. É necessário também que as condições sanitárias sejam favoráveis, lembrando que a sanidade do rebanho é mais facilmente mantida quando as condições ambientais das instalações são boas e a origem do plantel é sadia. Recomendamos que sejam anotados as seguintes práticas:

- - Cuidar na introdução

de novos animais e da circulação de animais estranhos;

- - Usar alimentação com menor risco sanitário, como o milho, farelo de soja e Suigold;

- - Cuidar da higiene e desinfecção dos animais e instalações;

- - Cuidar da verminose e da sarna, pois estes parasitos costumam limitar significativamente a produção e abrir a porta para outras doenças;

- - Prevenir a anemia dos leitões com Ferrodex, e as doenças respiratórias, com boa aeração e controle de ventilação;

- - Vacinar contra a peste suína;

- - Prevenir as diarreias dos leitões, adotando boa ração, sempre nova, água potável, ambiente seco, e desinfetado, não esquecendo de fornecer aos leitões nas primeiras semanas de vida calor, através de lâmpada, e cama de palha.